

## Determinants of Entrepreneurial Intentions: An Empirical Study on Higher Education Students

Maria José Madeira<sup>(1)</sup>, Rui Santos<sup>(2)</sup>, Filipe Duarte<sup>(3)</sup>, Jacinta Moreira<sup>(4)</sup> e Rudson Gama<sup>(5)</sup>

<sup>(1)</sup> CIEO e University of Beira Interior  
Management and Economics Department  
Pólo IV, 6200-209 Covilhã, Portugal  
[maria.jose.madeira@ubi.pt](mailto:maria.jose.madeira@ubi.pt)

<sup>(2)</sup> University of Beira Interior  
Management and Economics Department  
Pólo IV, 6200-209 Covilhã, Portugal  
[rfps23@gmail.com](mailto:rfps23@gmail.com)

<sup>(3)</sup> University of Beira Interior  
Management and Economics Department  
Pólo IV, 6200-209 Covilhã, Portugal  
[filipeduarte@ubi.pt](mailto:filipeduarte@ubi.pt)

<sup>(4)</sup> School of Technology and Management, Polytechnic Institute of Leiria  
Management and Economics Department  
Campus 2, Apartado 4163, 2411-901 Leiria, Portugal  
[jacinta.moreira@ipleiria.pt](mailto:jacinta.moreira@ipleiria.pt)

<sup>(5)</sup> University of Beira Interior  
Management and Economics Department  
Pólo IV, 6200-209 Covilhã, Portugal  
[rudson.gama@gmail.com](mailto:rudson.gama@gmail.com)

### ABSTRACT

The purpose of this investigation is to analyse the effect that the Entrepreneurship Education, self-efficacy, family history and propensity to take risks in the entrepreneurial intention of Portuguese higher education students in the central region. The theoretical support was corroborated with the empirical literature at Entrepreneurship Education. To test the formulated hypotheses empirically. The methods of factorial analysis and logistic regression were applied. For the analysis of the relationships between the variables a multiple linear regression was performed, where it is possible to identify which determinants (independent variables) that predict the intentions / attitudes (dependent variables) of Portuguese higher education students. The results concluded that when analysing the relationship between the teaching of entrepreneurship and the entrepreneurial intention it is possible to verify that, the teaching of entrepreneurship has a significant influence on the entrepreneurial intention. This research aims to contribute to the development of entrepreneurial activities in higher education students throughout Portugal and the proactivity of political and school agents in the dynamization of entrepreneurship in young students.

**Keywords :** Entrepreneurship, Entrepreneurship Education, Self-efficacy, Entrepreneurial Intentions

## 1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo é um tema que tem vindo a ser bastante explorado em diversos estudos devido ao papel que desempenha na economia e no desenvolvimento regional. Papel este, que está associado a uma característica particular desse fenómeno, que se trata da criação de novos empreendimentos.

A geração de riqueza e os empregos associada à criação de novos negócios e de novas empresas, tornam o empreendedorismo para vez mais aliciante despertando o interesse de sociedades que procuram alternativas com vista a combater o desemprego, levando a um decréscimo do mesmo, como também, gerar crescimento económico (Tavares, 2013).

No nível político, no âmbito da Estratégia Europa 2020 do Plano de Ação Empreendedorismo 2020, recomenda que a educação e formação para o empreendedorismo, demonstrem modelos de aprendizagem experiencial e experiências do quotidiano dos empresários do mundo real. Sublinhando que a Europa tem de apresentar o empreendedorismo aos jovens, como forma de opção profissional, viável e promissora, fazendo como que renasça o espírito empreendedor em cada um.

Segundo a Organização Internacional de Trabalho (OIT), através de um relatório divulgado a 8 de outubro de 2015<sup>1</sup>, Portugal apresenta uma das taxas mais elevadas de desemprego jovem da União Europeia, com 34,8%. Muito acima da média de União Europeia de 16,6%, culpando em parte estes resultados com o ambiente de austeridade em que se encontra Portugal à data do relatório. Refere ainda, que existiu um aumento do trabalho temporário, causado pela crise financeira, sendo os principais beneficiários deste tipo de emprego, os jovens que não conseguem outro tipo de trabalho.

Deste modo, torna-se importante analisar de que forma os estudantes do ensino superior português da região centro veem o facto de promover a criação o seu próprio negócio ou a dinamização de iniciativas empreendedoras, ou seja, tornarem-se empreendedores. Para isso, nesta investigação será estudada a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior Português da região centro, e como esta é influenciada por fatores determinantes, tais como, o ensino do empreendedorismo, autoeficácia, antecedentes familiares e a propensão para assumir riscos.

O trabalho está dividido em 3 seções. Na primeira, é feita uma breve introdução, indicando a justificação do tema, assim como o objetivo de investigação. Na segunda seção, Revisão da Literatura, são apresentados os conceitos principais à compreensão desta investigação, é feita a revisão da literatura desses mesmos conceitos, (1) Intenção empreendedora, (2), Ensino do empreendedorismo, (3) Autoeficácia, (4) Antecedentes familiares, e (5) Propensão para assumir riscos. Finalizando com o modelo de análise da investigação. Terminando com a esquematização do modelo conceptual proposta. Na terceira seção apresenta-se as conclusões principais e indicando depois futuras linhas de investigação tendo como base o presente estudo.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

Este trabalho tem como objetivo perceber de que forma é influenciada a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior Português da região centro, analisando diversos fatores determinantes. Ou seja, este estudo tem o propósito de identificar qual a intenção empreendedora, segundo o ensino do empreendedorismo, autoeficácia, antecedentes familiares e a propensão para assumir riscos, levando os estudantes do ensino superior Português da região centro a gerarem o seu próprio emprego, através da criação de algum projeto empresarial.

---

<sup>1</sup> Relatório de “Tendências Globais de Emprego para a Juventude 2015”. Acedido a 28/10/2015  
Fonte: [http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms\\_412015.pdf](http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_412015.pdf)

Existem diversos estudos, onde é concentrada a análise das intenções empreendedoras dos estudantes do ensino superior, em relação ao empreendedorismo e à criação de projetos empresariais (Henry, Hill e Leitch, 2005; Liñán e Santos, 2007; Liñán, Moriano e Jaén, 2016). Estes estudos fornecem conteúdos diferenciados, considerando estes fatores enquanto focos das intenções empreendedoras. Porém, apesar da evolução do tema das atitudes empreendedoras dos estudantes a nível geral, no caso específico de Portugal existem escassos estudos sobre o tema, onde se consideram as variáveis em estudo nesta investigação. Assim, torna-se útil e interessante estudar este fenómeno. Desta forma, neste capítulo, será feita uma abordagem teórica a todos os fatores determinantes da intenção empreendedora, abordados neste estudo.

## 2.1. Intenção empreendedora

As intenções empreendedoras são fundamentais para o processo empreendedor, formando a primeira de muitas ações para criação e fundação organizacional (Bird, 1998). De acordo com Fishbein e Ajzen (1975) e Perugini e Bagozzi (2001) a intenção de realizar um determinado comportamento, é motivado principalmente pelo desejo de concretizar esse comportamento e para alcançar um objetivo específico.

Os autores Katz e Gartner (1988) definem a intenção empreendedora como uma procura de informações que podem ser usadas para ajudar a cumprir um determinado objetivo para a criação de um processo empreendedor.

Bandura (1997) afirmou que a intenção é a determinação que se tem para uma certa atividade. A intenção é uma parte vital da auto regulação do indivíduo que é provocada pela motivação para agir.

Segundo Liñán (2004) a intenção torna-se no elemento essencial, e impulsionador do comportamento de um indivíduo, pois mostra o esforço que este vai fazer para realizar esse mesmo comportamento para iniciar o seu negócio. Ou seja, a intenção empreendedora determina o esforço que se está disposto a realizar para um determinado comportamento empreendedor (Liñán e Chen, 2009).

Relativamente à bibliografia existente que trata a intenção empreendedora dos indivíduos, é possível encontrar diversas investigações onde se identificam dois modelos teóricos relativos ao tema das intenções empreendedoras, sendo estes: (1) o Modelo conceptual de Shapero (1982): Modelo da Intenção Empreendedora e o (2) Modelo conceptual de Ajzen (1991): Teoria do Comportamento Planeado.

Segundo Ajzen (1991) seja qual for comportamento este necessita sempre do devido planeamento antes de ser executado, ou seja, o processo de criação de um determinado negócio pode ser determinado previamente através da intenção tomada pelo indivíduo. Assim, através desta teoria, é possível identificar se um determinado indivíduo tem intenção de criar um novo projeto empresarial, avaliando a sua intenção empreendedora. Este modelo assenta em três variáveis que perfazem a elaboração da intenção e conseqüentemente determinam o comportamento, são estas: (1) as atitudes, (2) as normas subjetivas e (3) o controlo comportamental percebido. Para o autor, estas três variáveis expõem o intuito de realização de um comportamento, quanto maior for a apreciação de um determinado indivíduo relativamente ao comportamento, maior será também, a intenção em concretizar o mesmo. Este modelo teórico contribuiu bastante para o estudo da intenção empreendedora, tornando-se amplamente utilizado em diversos estudos (Ajzen, 2012; Liñán e Fayolle, 2015).

Os autores Díaz, Hernández e Barata (2004) realizaram um estudo, onde foi analisado o tema do empreendedorismo e a intenção dos mesmos em iniciar novos projetos empresariais. Foram inquiridos alunos da Universidade da Beira Interior (Portugal) e da Universidade da Extremadura (Espanha), concluindo com resultados de 62,1% e 74,1%, respetivamente.

O estudo da intenção empreendedora tem sofrido uma evolução, o que torna o tema apetecível e interessante para a realização de mais investigações, demonstrando a sua evidência e importância no panorama do empreendedorismo. A partir da revisão da literatura efetuada ao tema, nesta investigação prevê-se o estudo dos seguintes fatores determinantes da intenção empreendedora que condicionam o comportamento de um indivíduo: Ensino do Empreendedorismo, Autoeficácia, Antecedentes Familiares, Propensão para assumir riscos. Sendo os quais analisados de seguida.

## 2.2. Ensino do Empreendedorismo

De acordo com Schumpeter (1984) o empreendedorismo é um agente causador de inovação e transformação capaz de originar o crescimento económico. Fortalecendo e motivando os indivíduos, a utilizar a sua intenção empreendedora para a criação e liderança do seu próprio negócio.

De acordo com o relatório GEM Portugal (2013), 48,7% dos portugueses dizem ter conhecimento, experiência e as capacidades necessárias para a criação de um novo negócio. Contudo, apenas 20,2% consideram que existem condições favoráveis para o início de um projeto empresarial, na sua área de residência, nos seis meses após a conclusão do inquérito.

O empreendedorismo é o fator importante para a expansão económica em todo o mundo. Além disso as universidades têm um papel fundamental no apoio à investigação, como também, ao ensino do empreendedorismo para os seus estudantes. O ensino do empreendedorismo prepara os estudantes para o mundo dos negócios, transmitindo os conhecimentos teóricos nas universidades, em informação útil na criação de um processo empreendedor (Haase e Lautenschlager, 2011; Elaine e Gray, 2013).

As instituições educativas desempenham um papel importante no desenvolvimento deste tipo competências empreendedoras iniciais, que mais tarde, se manifestam sob a forma de alguma atividade empreendedora. Estudos indicam que as instituições de ensino devem aproximar-se dos empresários de forma a partilhar as suas experiências, ademais, desempenham um papel fundamental no desenvolvimento de espírito empreendedor dos estudantes, através de programas inovadores e cultura de pesquisa orientada (Krueger, Reilly e Carsrud, 2000; Lüthje e Franke, 2003; Honig, 2004; Kyro e Carrier, 2005; Kuratko, 2005; Naia, 2009; Liñán e Chen, 2009).

O ensino do empreendedorismo pode ser visto num contexto mais amplo do que preparar um indivíduo para a criação de um negócio, como também, o poder de fomentar o lado empreendedor de trabalhadores por conta própria e empresários, fornecendo uma mais valia para as suas empresas através do enriquecimento adquirido. Tornando-se num indivíduo que apresentará comportamento empreendedor (Gibb, 2002).

No ensino do empreendedorismo, relativamente à aprendizagem, os estudantes não necessitam de deter uma formação com bases nas áreas de gestão, podendo dizer-se que o ensino do mesmo é efetuado de uma forma interdisciplinar, de forma a ser possível a pessoas das mais diversas áreas de formação a sua aprendizagem. Exemplo disto é o Mestrado em Empreendedorismo e Criação de Empresas, na Universidade da Beira Interior, onde é possível observar esta diferença de formações nos seus alunos.

De acordo com Rodrigues, Ferreira e Paço, (2010), as universidades portuguesas deveriam integrar o tema do empreendedorismo nos planos curriculares e estimular a participação de seus alunos em cursos, ou cadeiras, de empreendedorismo. Com especial atenção para as áreas de engenharia e científicas, com o intuito de criar uma cultura empresarial a fim de a criação de *spin-offs*. Moreira e Silva (2008), concluem que cursos direcionados para o empreendedorismo afetam as atitudes e as intenções dos estudantes, afirmando que é possível formar empreendedores, retirando força à ideia de que um empreendedor é definido à priori.

Em Portugal, o ensino do empreendedorismo é uma área relativamente recente. O primeiro curso realizado, sobre este tema, remonta a 1992 e desde essa altura a oferta de conteúdos e opções de formação acerca do empreendedorismo aumentou exponencialmente (Redford, 2006). Ainda segundo o mesmo autor, têm sido realizados múltiplos estudos com o propósito de manifestar o apoio ao ensino do empreendedorismo no ensino superior Português. Indicando que através da introdução de cursos acerca desta temática levaria os estudantes a fortalecer e a desenvolver competências empreendedoras.

Os investigadores Moreira e Silva (2008) identificam um problema em Portugal, como também em alguns países, que incide na forma como se promove a criação de start-ups e tornar a carreira empresarial mais atraente para os jovens empreendedores. O ensino do empreendedorismo surge como um elemento chave no uso das competências dos recursos humanos altamente qualificados para a criação de novos negócios. Ainda segundo os autores, a influência que a formação académica tem na aquisição de competências, existe uma necessidade de desenvolver conteúdos na área do empreendedorismo, de forma a melhor e incentivar os processos de evolução de possíveis empresários.

No estudo de Moreira (2011), inquiriu licenciados das ciências sociais que concluíram o curso há 5 anos, os resultados mostram que 12% são empreendedores e são motivados por dificuldades de entrada no mercado de trabalho, escassez de empresas na área e liberdade económica. Os inquiridos que se tornaram empresários são, na sua maioria do sexo masculino com mais de 25 anos, são licenciados em Gestão e Comunicação Social.

No estudo de Pinho e Gaspar (2012) concluíram que, 74% dos estudantes afirmam que gostaria de iniciar o seu próprio negócio. Os autores indicam que este valor pode ser explicado por vários fatores determinantes para a obtenção deste resultado, entre os quais, o tecido socioeconómico em que se encontra o instituto de ensino, o facto de mais de 50% dos estudantes deterem empresários na família e o clima propenso ao empreendedorismo concebido em cada instituição académica.

As investigações acerca do ensino do empreendedorismo, nem sempre atribuem a aprendizagem do empreendedorismo como um fator determinante da intenção empreendedora, um exemplo disso é o estudo de Fayolle, Gailly e Lassas-Clerc (2006). Os autores, na sua investigação, concluíram que não existe um impacto significativo na intenção empreendedora dos estudantes após finalizarem o mesmo, em relação aos que frequentaram um curso onde é abordado o ensino do empreendedorismo.

Desta forma, torna-se importante perceber de que forma o ensino do empreendedorismo irá condicionar a intenção empreendedora dos inquiridos neste estudo. A partir da revisão de literatura exposta referente ao ensino do empreendedorismo, é enunciada a primeira hipótese deste estudo:

*H1: O ensino do empreendedorismo influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior Português da região centro.*

### **2.3. Autoeficácia**

Existem diversas correntes de investigação para examinar os fatores que impulsionam intenções empreendedoras, uma dessas correntes de investigação centra-se na autoeficácia. Para Bandura (1977) a autoeficácia representa a crença que um indivíduo tem nas suas capacidades para desenvolver uma determinada ação. É um fator da personalidade que influencia a motivação do indivíduo para executar com sucesso as ações (Bandura, 1982). Bandura (1986) desenvolveu a teoria social cognitiva, dando um contributo na percepção da autoeficácia, relacionando a mesma com as intenções comportamentais (Bandura, 1989).

Segundo Bandura (1991) a autoeficácia ocupa um papel central na teoria social cognitiva, pois afeta a ação não só diretamente, mas também, através do seu impacto sobre outras determinantes. A capacidade de exercer desafios a si próprio através de estabelecimento de metas pessoais, assim como, ter uma capacidade de autoavaliação do seu próprio desempenho, fornece um importante mecanismo de motivação e direcionamento. De acordo com Bandura (2000), a autoeficácia refere-se às crenças que as pessoas têm nas suas próprias capacidades em executar uma determinada tarefa.

A investigação de Lee, Wong, Der Foo e Leung (2011) demonstra que a autoeficácia pode influenciar as intenções empreendedoras. Setiawan (2014) desenvolveu um estudo para perceber de que forma a autoeficácia empreendedora, de estudantes do ensino superior, seria afetada após frequentarem uma cadeira de empreendedorismo no seu curso. Os resultados demonstraram que a grande maioria, cerca de 60%, dos estudantes detinha o nível de autoeficácia empreendedora alto e direcionada para a criação de projetos empresariais.

É então possível prever, que quanto maior for o nível individual acerca da autoeficácia, mais elevada será possibilidade de um indivíduo deter uma intenção favorável relativamente à sua intenção de criar o seu próprio negócio. Face a esta revisão de literatura, formula-se a segunda hipótese de investigação:

*H2: A autoeficácia influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior Português da região centro na região centro.*

#### **2.4. Antecedentes Familiares**

Existem diversos fatores que afetam a intenção empreendedora de um indivíduo, um desses fatores são os antecedentes familiares, a forma como influenciam este a criar um novo negócio. Diversas pesquisas tentam explicar o impacto das famílias sobre as intenções empreendedoras individuais, principalmente a partir do papel que os pais desempenham em moldar a intenção empreendedora dos filhos. Esta envolvente dos estudantes, em famílias empreendedoras, deve ser vista como um possível fator influenciador, tanto do perfil, como também da intenção empreendedora. Shapero e Sokol (1982) indicam o núcleo familiar como um dos mais importantes fatores impulsionadores na criação de novos negócios, assim como, molda o comportamento empreendedor de um indivíduo.

Existe uma grande corrente empírica acerca do facto de empreendedores terem como base uma família onde existem alguns membros, especialmente os pais, criadores de o seu próprio negócio (Shapero e Sokol, 1982).

Considerando os estudos acima referidos, é possível afirmar que os antecedentes familiares podem influenciar a intenção de alguém iniciar um novo negócio, desta forma, formula-se a seguinte hipótese de investigação:

*H3: Os antecedentes familiares influenciam positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior Português da região centro da região centro.*

#### **2.4. Propensão para Assumir Riscos**

A propensão para assumir riscos é uma parte fundamental do empreendedorismo, pois um indivíduo não tem, com antecedência, a certeza se os produtos desejados podem ser produzidos, se as necessidades dos consumidores podem ser atendidas, ou se os lucros podem ser gerados antes de um novo produto ou serviço seja introduzido, existe sempre um risco.

Algumas pesquisas mostram que os indivíduos empreendedores têm uma maior propensão para assumir riscos do que aqueles que não exploram qualquer projeto empresarial (Sagie e Elizur, 1999; Stewart e Roth, 2001; Van Praag e Cramer, 2001; Teixeira, 2008).

É feita referência em diversos estudos, que a propensão para assumir riscos, é um fator que distingue os gestores dos empreendedores, visto tratar-se de uma característica fundamental da atividade empreendedora (Rodrigues et al., 2010; Brandstätter, 2010).

Para Lumpkin e Dess (1996), a propensão para assumir riscos pode ser compreendida como a importância que um empreendedor está disposto a dar e a comprometer meios, por norma um empreendedor tem poucos meios para comprometer, o que leva a uma maior propensão para assumir riscos. Com o propósito de conhecer como a propensão para assumir riscos afeta a intenção empreendedora dos inquiridos nesta investigação, formulam-se a seguinte hipótese:

*H4: A propensão para assumir riscos influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior Português da região centro da região centro.*

## 2.5. Modelo de Análise

Após a realização da revisão da literatura, é possível propor o modelo conceptual da investigação, o mesmo é apresentado na Figura 1. Esquematisando de que forma cada fator determinante influencia a Intenção Empreendedora.

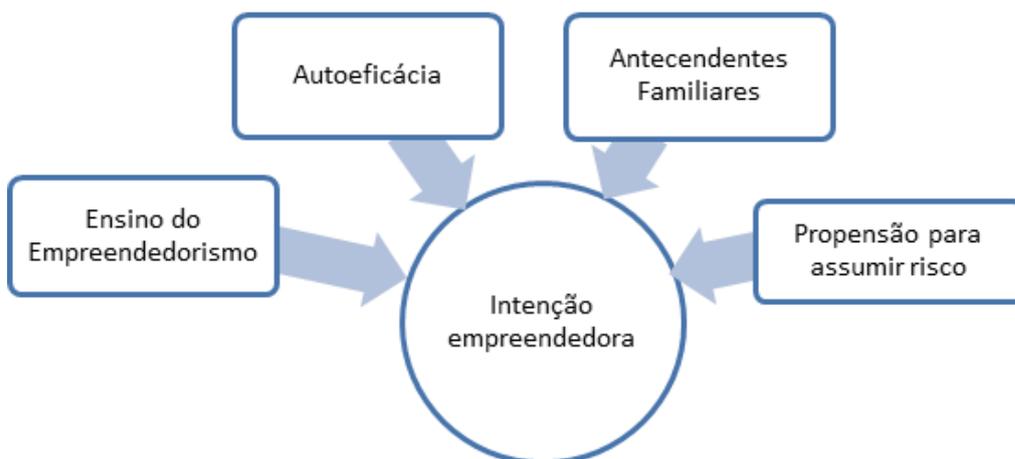


Figura 1. Proposta de Modelo Conceptual

## 3. Metodologia

Após a abordagem teórica do tema, pretende-se testar empiricamente as hipóteses. Foram utilizados dados recolhidos de forma primária, através de um questionário.

### 3.1 Recolha de dados e Amostra

A presente investigação, assenta sobre uma amostra de estudantes do ensino superior Português da região centro que frequentaram o Curso de Empreendedorismo de Base Tecnológica (CEBT), alunos das universidades de Aveiro, Coimbra e da Beira Interior. O questionário foi dirigido a todos os participantes do CEBT das instituições de ensino superior português, entre 2010 e 2015.

Os dados que apoiam esta investigação, foram recolhidos de forma primária através da aplicação de um questionário. Este foi elaborado tendo como base algumas das perguntas utilizadas pelo questionário do projeto EEP – Entrepreneurship Education Project, na versão portuguesa.

O projeto EEP foi desenvolvido para ser um projeto global com objetivos claros em entender o impacto que a educação empreendedora teria nos alunos do ensino superior, através do conhecimento dos processos motivacionais subjacentes de quem quer seguir carreira empreendedora e, posteriormente, a transformação do estudante num indivíduo empreendedor (Vanevenhoven e Liguori, 2013). O questionário do projeto EEP foi aplicado em Portugal, no ano letivo de 2010/2011, nas instituições de ensino superior portuguesas que colaboraram com o projeto.

O CEBT<sup>2</sup> é um projeto ibérico que integra o INESPO, aprovado no âmbito do Programa Operacional de Cooperação Transfronteiriça Portugal – Espanha. O INESPO é liderado pela Universidade da Beira Interior, tendo os seguintes parceiros: CEC/CCIC – Conselho Empresarial do Centro/Câmara de Comércio e Indústria do Centro; Fundación General de la Universidad de León y la Empresa; Fundación General de la Universidad de Salamanca; Fundación General de la Universidad de Valladolid; Universidad Pontificia de Salamanca; Universidade de Aveiro e Universidade de Coimbra. Tem como objetivo incrementar a cooperação institucional, social e empresarial transfronteiriça entre agentes de Sistema Científico e Tecnológico das Regiões Centro de Portugal e Castela-Leão, bem como entre estes e as empresas. Pretende criar uma metodologia de aconselhamento e consultoria, dando aos participantes a possibilidade de explorar ideias e projetos com origem nas universidades parceiras, avaliando o potencial comercial e a sua materialização, disponibilizando apoio à criação de empresas de base tecnológica. Tem a duração de aproximadamente 18 semanas, divididas em sessões de sensibilização, workshops e mentoring. Neste período, existem 3 sessões de apresentações conjuntas e respectivas avaliações dos projetos.

Para esta investigação, os dados foram obtidos recorrendo a um questionário fechado dirigido a todos os participantes do CEBT, das edições entre 2010 e 2015, e apenas das instituições de ensino superior portuguêsas, ou seja, a Universidade de Aveiro, a Universidade de Coimbra e a Universidade da Beira Interior. Os dados utilizados nesta investigação foram recolhidos através da plataforma online *GoogleForms*, a recolha foi realizada através de um questionário entre 01/02/2016 a 29/02/2016. Conseguindo 132 respostas, das quais todas serão consideradas para o estudo.

Sendo o CEBT um projeto de empreendedorismo e criação de empresas, torna-se relevante perceber como este influenciou a intenção empreendedora dos seus participantes, e com isso, obter a caracterização da intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior portuguêsas da região centro.

### **3.2 Variáveis consideradas**

De seguida serão apresentadas de forma diferente, variáveis dependentes e variáveis independentes, todas analisadas neste estudo. Sendo estas: Intenção empreendedora, Probabilidade Empreendedora, Propensão Empreendedora, Ensino do Empreendedorismo, Autoeficácia, Antecedentes Familiares e Propensão para assumir riscos.

#### **3.2.1 Variáveis Dependentes**

Na presente investigação, foram utilizadas como variáveis dependentes a Intenção empreendedora, a Probabilidade Empreendedora e a Propensão Empreendedora. No desenvolvimento da investigação revelou-se oportuno a utilização de duas dimensões da intenção empreendedora, nomeadamente: Probabilidade Empreendedora e a Propensão Empreendedora de um indivíduo. Estas variáveis foram consideradas num estudo recente de Arrighetti, Caricati, Landini e Monacelli, (2015). Conforme é dito por Marconi e Lakatos (2000, p. 189), a variável dependente, “consiste naqueles valores (fenómenos, fatores) a serem explicados ou descobertos,

---

<sup>2</sup> Informações relativas ao CEBT: <http://www.cebt.ubi.pt/> - Acedido a: 16/02/2016

em virtude de serem influenciados, determinados ou afetados pela variável independente; é o fator que aparece, desaparece ou varia à medida que o investigador introduz, tira ou modifica a variável independente; a propriedade ou fator que é efeito resultado, consequência ou resposta a algo que foi manipulado (variável independente)”.

De acordo com Pinho e Gaspar (2012, p.3), “ao longo dos anos, o tema da intenção empreendedora tem sido estudado através de diferentes métodos. Alguns autores iniciaram a sua pesquisa, procurando certos traços de personalidade e daí retirar conclusões relativamente à sua associação à atividade empresarial (McClelland, 1961)”.

De acordo com Bird (1988), a intenção pode ser vista como um estado de espírito em que a atenção da pessoa está dirigida para uma determinada situação, com vista a alcançar uma meta. É possível considerar, e de acordo com Carvalho e González (2006, p.45), “que a concretização da ideia de criar uma nova empresa é precedida pela intenção, a qual por sua vez pode ser planeada durante algum tempo, porém, em alguns casos a intenção é formada no momento antes de se concretizar a ideia, e noutros casos, a intenção nunca coincide com a realização do comportamento”.

Para Davidsson (1995) a análise da intenção empreendedora poderá, de forma imperfeita, prever um determinado comportamento de um indivíduo em relação à sua vontade em iniciar um novo projeto empresarial. Segundo Krueger et al., (2000), na sua investigação indicam que a decisão de se tornar num indivíduo empreendedor pode ser considerada como consciente e voluntária. Para Fayolle e Gailly (2004), a intenção empreendedora seria um elemento prévio e determinante do comportamento empreendedor.

Esta investigação centra-se em perceber como a intenção empreendedora dos alunos do ensino superior português da região centro é modificada perante alguns fatores. Daí a necessidade de se perceber desde o início, quem tem intenções de criar um projeto empresarial.

Esta variável, “Intenção Empreendedora”, foi testada, no questionário, por meio de um conjunto de itens medidos numa escala de concordância de 5 pontos (1 = Discorda muito; 5 = Concorda muito).

Tal como referido na revisão da literatura, no seu estudo Arrighetti, et al., (2015), introduziram duas novas dimensões que derivam da intenção empreendedora que foram consideradas neste estudo também, sendo estas a “Probabilidade Empreendedora” e a “Propensão Empreendedora”.

A variável “Probabilidade Empreendedora”, foi testada, através de uma escala de concordância de 5 pontos (1 = Discorda muito; 5 = Concorda muito), aplicada às seguintes questões: “Está a poupar dinheiro para começar um novo projeto empresarial.”, “Não tem planos para criar o seu próprio projeto empresarial” e “Tem intenção de criar um novo projeto empresarial no futuro”.

A variável “Propensão Empreendedora”, foi testada, utilizando os itens “Nunca procura oportunidades para criar um novo negócio.”, “Despende tempo a aprender sobre como criar um novo projeto empresarial”, “Não tem imaginação para novos produtos.”, “Gostaria de gerir uma empresa.” e “Gostaria de criar algo novo.”, extraídos das perguntas do questionário, constituída por um conjunto de itens medidos numa escala de concordância de 5 pontos (1 = Discorda muito; 5 = Concorda muito).

### **3.2.2 Variáveis Independentes**

De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 189), a variável independente é definida como “aquela que influencia, determina ou afeta outra variável; é o fator determinante, condição ou causa para determinado resultado, efeito ou consequência; é o fator manipulado (geralmente) pelo investigador, na sua tentativa de assegurar a relação do fator com um fenómeno observado ou a ser descoberto, para ver que influência exerce sobre um possível resultado”.

Este estudo tem como objetivo perceber como a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro, é afectada por certos fatores determinantes. Para isso, torna-se relevante analisar esses mesmos fatores, que poderão influenciar a intenção de criar um novo negócio. Para que haja um entendimento mais claro, relativamente à busca desse objetivo, serão apresentadas de seguida as variáveis independentes consideradas e analisadas nesta investigação. Essas variáveis são: (1) Ensino do Empreendedorismo, (2) Autoeficácia, (3) Antecedentes Familiares e (4) Propensão para assumir riscos.

Começando com a variável “Ensino do Empreendedorismo”, esta vai permitir analisar os estudantes do ensino superior português da região centro que frequentam ou frequentaram, cadeiras onde fosse abordado o tema do empreendedorismo. E também, perceber se essas mesmas cadeiras são de escolha opcional ou não. Relacionando, posteriormente, com a intenção empreendedora dos mesmos.

Estudos têm observado que um curso de empreendedorismo tem um impacto positivo na visão dos alunos de empreendedorismo. De acordo com Santos, Caetano e Curral (2010 p. 3), “torna-se cada vez mais saliente o papel das universidades na promoção do espírito empreendedor, seja através do corpo docente e investigadores, seja através dos estudantes.”

Para Shinnar, Pruett e Toney, (2009), a introdução do estudo do empreendedorismo nas cadeiras das instituições académicas, colabora na incrementação da intenção dos estudantes em iniciar novos projetos empresariais. Segundo Cheung (2008), o ensino do empreendedorismo torna-se relevante em diferentes aspetos. Este pode facultar aos estudantes uma percepção dos negócios, a sua estrutura, os seus propósitos, a sua relação com a economia e com a sociedade. Esta variável, “Ensino do Empreendedorismo”, foi testada aplicando questões de resposta fechada através das opções “Sim” ou “Não”.

Seguidamente, a variável “Autoeficácia”, permite perceber e analisar se os estudantes do ensino superior português da região centro que detêm características de autoeficácia, possuem também, uma intenção positiva em criar algum projeto empresarial, isto é, apresentarem maior intenção empreendedora.

Em diversos estudos, a autoeficácia, tem sido reconhecida como um preditor relevante, no que toca a identificar o sucesso das iniciativas empreendedoras (Bandura, 1982; McGee, Peterson, Mueller e Sequeira, 2009). De acordo com Santos et al., (2010), a autoeficácia pode ser definida como uma crença pessoal na capacidade do próprio em alcançar, com sucesso, um determinado objetivo. Salientam também, que a autoeficácia nos empreendedores se torna essencial, uma vez que estes devem ter confiança nas suas competências para desempenhar tarefas distintas, bem como, ter a capacidade de antecipar determinadas situações.

No seu estudo, McGee et al. (2009), concluem que os empreendedores emergentes apresentam elevados níveis de autoeficácia. É possível supor que quanto maior for a autoeficácia empreendedora, maior será a probabilidade de um individuo deter uma intenção positiva, em relação à vontade de criar o seu próprio negócio (Carvalho e Ganzález, 2006). Esta variável, “Autoeficácia”, foi testada, utilizando um conjunto de itens medidos numa escala de concordância de 5 pontos (1 = Discorda muito; 5 = Concorda muito).

Apresenta-se agora a variável “Antecedentes Familiares”, onde permite analisar se os antecedentes dos estudantes do ensino superior português da região centro, no ambiente familiar, influenciam as suas intenções empreendedoras. Isto é, perceber de que forma é influenciada a intenção empreendedora dos inquiridos, de quem apresenta um *background* familiar empreendedor, quer sejam os seus avós, pais/tutores e irmãos. Para Shapero e Sokol (1982), os antecedentes familiares podem ter peso na formação da intenção de criar um projeto empresarial, assim como do perfil do individuo. Para os mesmos autores, um aspectos relevante para despertar o comportamento empreendedor e iniciar uma atividade empresarial, está relacionada com núcleo familiar, pois a experiência da família pode ser vista como uma referência ou modelo a seguir.

De acordo com o estudo de Matthews e Moser (1996), mostram que a presença de um *background* familiar, onde familiares tenham cargos empresariais, tem uma função impulsionadora na intenção do indivíduo em criar ao novo, dando mais robustez o papel dos antecedentes familiares.

Para avaliar esta variável, “Antecedentes Familiares”, esta foi dividida em quatro variáveis distintas, “Pais, irmãos ou avós criaram projeto empresarial no último ano.”, “Pais/tutores criaram um projeto empresarial.”, “Irmãos criaram um projeto empresarial.” e “Avós criaram um projeto empresarial”.

Por último, apresenta-se a variável “Propensão para assumir riscos”, pretende analisar de que forma os estudantes do ensino superior português da região centro enfrentam os riscos relativamente ao meio empresarial, assim como, na escolha de um novo emprego. Percebendo, se estes estão dispostos a correr riscos ou não, e de que forma isso influencia a intenção empreendedora.

Brockhaus (1980) define a propensão para assumir riscos como a percepção da probabilidade de receber algo em troca com a sua ação empreendedora, ou seja, ter algum benefício caso haja sucesso nessa mesma ação.

Na literatura referente ao tema, existem diversos autores que consideram os empreendedores como indivíduos que correm riscos e que esperam obter lucros, como recompensa do risco assumido (Cunningham e Lischeron, 1991; Carland, Carland e Stewart, 1996; Cromie, 2000; Stewart e Roth, 2001). De acordo com Lüthje e Franke, 2003, os estudantes que demonstrem propensão para assumir riscos e que têm um controlo sobre os acontecimentos na sua vida, detêm uma intenção mais favorável para iniciar um novo projeto empresarial. A variável, “Propensão para assumir riscos”, foi testada utilizando um conjunto de itens medidos numa escala de concordância de 5 pontos (1 = Discorda muito; 5 = Concorda muito).

### 3.3 Método utilizado

Para a análise das escalas foi empregue a Análise Fatorial Exploratória (AFE). A AFE é uma abordagem estatística a usualmente para analisar as inter-relações entre um número elevado de variáveis, condensando as informações contidas nesse conjunto de variáveis originais, num conjunto menor de variáveis, isto é, em termos das suas dimensões comuns subjacentes e com uma perda mínima de informação (Hair, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2010).

A estimação da AFE é realizada através do método das componentes principais, sendo este o procedimento padrão típico na análise fatorial exploratória (Hair et al., 2010). Para a determinação do número de fatores a reter foi empregue o critério da raiz latente (valores próprios) e da percentagem da variância total extraída. Assim, para esse efeito foram definidos os fatores com base nos valores próprios superior e cuja variância total explicada pelos fatores que sejam superiores a 60% (Hair et al., 2010).

Com o objetivo facilitar a interpretação da solução fatorial são empregues diversos métodos de rotação. A solução obtida pelo método VARIMAX tende a ser mais invariante do que a solução obtida por outros métodos, sendo a abordagem analítica predominante para a obtenção de uma rotação dos fatores (Hair et al., 2010). Para avaliar a validade da AFE utilizou-se o critério de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e as classificações definidas por Marôco (2010), e o teste de esfericidade de Bartlett, indicativo da existência de correlações suficientes entre as variáveis para prosseguir a AFE (Hair et al., 2010).

Após a estimação da AFE são avaliados os pesos fatoriais de cada variável em determinado fator, uma vez que quanto mais elevado é o valor absoluto do peso fatorial maior importância tem essa variável num fator (Hair et al., 2010; Marôco, 2010). Pesos fatoriais superiores em valor absoluto a 0,50 consideram-se com significância prática, sendo essas as variáveis retidas (Hair et al., 2010;

Marôco, 2010). A determinação de scores compósitos das escalas foi efetuada através do cálculo da média dos itens que compõem a mesma.

Para a validação das hipóteses de estudo foram utilizados modelos de regressão linear simples, em que a variável dependente correspondia a cada um dos construtos relativos às atitudes/intenção/comportamento empreendedor e a variável independente era cada uma das variáveis referentes às hipóteses.

Numa segunda fase foram utilizados modelos de regressão linear múltiplas, sendo as variáveis dependentes os construtos relativos às atitudes/intenção/comportamento empreendedor, e as variáveis independentes referentes às hipóteses. No caso das regressões lineares múltiplas foi analisada a existência de variáveis com potenciais efeitos de multicolinearidade através dos fatores de inflacionamento da variância (VIF), devendo estes serem inferiores a 10, idealmente inferiores a 5 (Hair et al., 2010).

#### **4. Análise de Dados e Discussão de Resultados**

Nesse capítulo apresenta-se o estudo das variáveis (independentes) que influenciam a intenção empreendedora (variável dependente) dos estudantes do ensino superior português da região centro. Pretende-se analisar e identificar quais as variáveis que influenciam a intenção empreendedora que os inquiridos possuem em relação à concepção de um novo projeto empresarial.

Antes da análise de dados e discussão dos mesmos, é feita uma caracterização da amostra com o objetivo de dar uma visão de algumas informações relevantes, em relação à população que foi analisada neste estudo.

##### **4.1 Caracterização da Amostra**

Neste estudo, a amostra que foi considerada para análise dos resultados, contou com um total de 132 respostas dos estudantes do ensino superior português da região centro, os quais participaram no CEBT entre 2010 e 2015. Efetua-se uma caracterização da amostra com o intuito de auxiliar na análise desta investigação, para esse propósito, foi realizada uma caracterização em relação do Género, Idade, Situação profissional, Instituição de Ensino que frequenta e Riqueza financeira da família.

A análise do género permite observar, de forma diferenciada, como a intenção empreendedora difere em relação a cada sexo. De todos os inquiridos que reponderam, é clara a superioridade do género masculino, com 64,4%, enquanto que o feminino é de 35,6%.

A caracterização da amostra, em relação à idade, é feita através da divisão por grupos etários, subdivididos em quatro grupos, sendo estes, (1) Menos de 25, (2) Entre 25 – 35, (3) Entre 36 – 45 e (4) Mais de 45. Os resultados obtidos demonstram que a faixa etária entre 25 e 35 detem a maior parte dos entrevistados, com 55,3%. A seguir os grupos entre 36 – 45, com 21,2%, menos de 25 com 16,7% e mais de 45 com apenas 6,8%. Apresentando uma média total de idade de 32,2.

Outro aspeto interessante de se observar nos estudantes do ensino superior português da região centro, passava por conhecer qual a sua situação atualmente, podendo esta ser a sua situação profissional ou o nível de formação, obtendo desta forma uma caracterização dos respondentes. Como resultado dessa caracterização pode-se observar que 23,5% encontram-se no Mestrado, e 20,5% trabalham por conta própria, de salientar a percentagem de estudantes que tem o seu próprio negócio, mesmo não sendo a maioria, representa uma boa parte dos estudantes. Os estudantes que trabalham por conta de outrem representam 16,7% da amostra, os que estão na licenciatura são 13,6% e os do Doutoramento apenas 9,1%. Outras situações observadas são a do trabalhador estudante, que representa 6,8% dos inquiridos e pós-graduação, com apenas 3,7% dos

estudantes. A situação profissional caracterizada como outras situações, representa 6,1% dos estudantes.

Relativamente às instituições de ensino que frequentam os respondentes do questionário, assentam essencialmente em três, sendo elas, a Universidade de Coimbra com 34,8% dos estudantes, a Universidade da Beira interior com 28,8% e a Universidade de Aveiro com 25%. Contudo, 11,4% dos inquiridos não colocaram uma destas instituições de ensino na sua resposta, no entanto é de salientar que todos eles frequentaram uma destas instituições, uma vez que o CEBT apenas foi realizado, em Portugal, nestas três instituições.

Analisando a atividade empreendedora atual, constatou-se que 34,1% dos inquiridos iniciaram algum negócio que esteja atualmente em funcionamento, sendo estes localizados maioritariamente no local onde vive (68,9%) e implementado com parceiros (66,7%).

Relacionado com a família existe um aspecto interessante, o nível da riqueza financeira da família. Este fator pode servir como um suporte financeiro para incentivar a intenção de criar um novo projeto empresarial. As respostas relativas a este aspecto dividem-se em cinco classes, (1) Abaixo da média, (2) Média Baixa, (3) Média (Classe Média), (4) Média Alta e (5) Acima da média (Classe alta). É na classe Média que se obtêm mais respostas (50%), em contraste com a classe Acima da Média (Classe Alta) onde se conseguiram menos respostas (2,3%). Em seguida a classe Média Baixa representa 22,7%, a Média Alta com 16,7% e Abaixo da Média com apenas 8,3%.

## 4.2 Análise de Dados

Após a elaboração da caracterização da amostra, onde é possível ter uma imagem de algumas características dos inquiridos analisados neste estudo, apresenta-se abaixo a análise e discussão dos resultados obtidos. Deseja-se no final verificar se os aspectos apresentados inicialmente com o modelo de análise, são comprovados pelos resultados apresentados.

### 4.2.1 Intenção Empreendedora

Nesta secção são avaliadas as características psicométricas da escala da Intenção empreendedora. Os resultados da utilização da estimação da AFE revelam que os dados adequam-se à sua aplicação, pois vez a estatística de KMO ( $KMO = 0,808$ ) e o teste de Bartlett ( $X^2(45) = 479,6; p < 0,001$ ) apresenta valores considerados bons.

Apesar destes resultados, o item “Não lê livros sobre como implementar um novo projeto empresarial” saturava em dois fatores, uma vez que revelava cargas fatoriais elevadas em ambos os fatores, e o “Não tem planos para criar o seu próprio projeto empresarial” possuía cargas fatoriais nos fatores extraídos inferiores a 0,5, pelo que foram retiradas da análise. Após a remoção destes itens obtiveram-se valores da estatística de KMO ( $KMO = 0,798$ ) e do teste de Bartlett ( $X^2(28) = 378,07; p < 0,001$ ) adequados à aplicação da AFE.

A Tabela 1 apresenta os fatores estimados relativos à escala de Intenção empreendedora, onde cada grupo passa a representar um fator, e portanto deve receber uma nomeação adequada à natureza das variáveis que o compõem, e os valores servem para verificar a qual fator a variável pertence, e o impacto da variável no fator. São também apresentados os *eigenvalues*, a variância explicada por cada fator e o Alpha de Cronbach, resultantes da segunda aplicação da AFE alusivos.

A estrutura fatorial deste conjunto de itens é constituída por dois fatores, que explicam na totalidade 61,6% da variância total das variáveis. O primeiro fator retido, denominado “Probabilidade empreendedora”, explica 34,2% da variância total das variáveis e possui uma elevada consistência interna (Alfa de Cronbach = 0,809).

O segundo fator extraído, denominado “Propensão empreendedora”, explica 27,5% da variância total das variáveis e possui uma consistência interna aceitável (Alfa de Cronbach = 0,753). Na globalidade, a escala de Intenção empreendedora (10 itens) revela uma boa consistência interna (Alfa de Cronbach = 0,826).

**Tabela 1 – Análise Fatorial para Intenção empreendedora.**

	Componente	
	1	2
Procura oportunidades para criar um novo negócio		0,805
Está a poupar dinheiro para começar um novo projeto empresarial	0,542	
Tem planos para criar o seu próprio projeto empresarial	0,806	
Depende tempo a aprender sobre como criar um novo projeto empresarial		0,682
Tem imaginação para novos produtos		0,863
Gostaria de gerir uma empresa		0,744
Gostaria de criar algo novo		0,779
Tem intenção de criar um novo projeto empresarial no futuro	0,795	
<i>Eigenvalues</i>	3,64	1,28
% de variância explicada	34,2	27,5
Alfa de Cronbach	0,809	0,753
Alfa de Cronbach total	0,826	

Os scores compósitos das escalas de Probabilidade empreendedora, Propensão empreendedora e Intenção empreendedora indicam que quanto mais elevado é o mesmo, maior é a probabilidade, a propensão e intenção empreendedoras dos inquiridos.

#### 4.2.2 Ensino do Empreendedorismo

Tendo em vista a caracterização do ensino do empreendedorismo dos 132 alunos inquiridos para a pesquisa, foram empregues as variáveis alusivas à frequência atual ou passada de unidades curriculares com abordagem aos temas do empreendedorismo, da criação de novas empresas ou da inovação, e se a escolha dessas unidades curriculares foi opcional. Como resultado observou-se que 61,4% dos inquiridos frequentaram, ou frequentam atualmente, unidades curriculares que abordem os temas do empreendedorismo, da criação de novas empresas ou da inovação e em 66,7% desses casos a escolha foi opcional.

#### 4.2.3 Autoeficácia

Nesta secção é efetuada uma caracterização da escala de Autoeficácia. Os resultados da utilização da estimação da AFE revelam que os dados adequam-se à aplicação desta, uma vez que a estatística de KMO (KMO = 0,909) e o teste de Bartlett ( $X^2(45) = 618,70$ ;  $p < 0,001$ ) apresenta valores excelentes.

A Tabela 2 apresenta os fatores criados alusivos à escala de Autoeficácia, os *eigenvalues*, a variância explicada por cada fator e o Alpha de Cronbach. A estrutura fatorial deste conjunto de itens é unifatorial, que explica 53,2% da variância total das variáveis e com uma consistência interna muito elevada (Alfa de Cronbach = 0,896).

**Tabela 12 – Análise Fatorial para Autoeficácia.**

	Componente
	1
Consegue sempre resolver problemas difíceis se se esforçar o suficiente	0,765
Se alguém se lhe opuser, consegue encontrar os meios e as formas necessárias para conseguir o que quer	0,675
É fácil manter-se fiel aos seus objetivos e atingi-los	0,642
É confiante de que consegue lidar de forma eficiente com os eventos inesperados	0,792
Graças às suas competências e capacidades, sabe que consegue lidar com situações imprevistas	0,768
Consegue resolver a maioria dos problemas se investir o esforço necessário	0,672
Quando confrontado com situações difíceis, consegue permanecer calmo(a) porque pode confiar na sua capacidade em estar à altura da situação	0,726
Quando confrontado com um problema, consegue, normalmente, encontrar várias soluções	0,770
Se está com dificuldades, consegue, normalmente, pensar numa solução	0,788
Normalmente, consegue lidar com qualquer coisa que se depre no seu caminho	0,676
<i>Eigenvalues</i>	5,32
% de variância explicada	53,2
Alfa de Cronbach	0,896

Fonte: Elaboração própria

O score compósito da escala de Autoeficácia indica que quanto mais elevado é o mesmo, maior será a autoeficácia percebida pelos inquiridos.

#### 4.2.4 Antecedentes Familiares

Relativamente aos antecedentes familiares, observou-se que 22,7% dos pais/tutores, irmãos ou avós dos inquiridos que criaram algum projeto empresarial durante os últimos 365 dias, os seus pais/tutores de 34,1% dos sujeitos incluídos no estudo criaram um projeto empresarial alguma vez, em 86,7% destes casos ocorreu impacto na sua confiança na capacidade de criar e gerir, com sucesso, um novo projeto empresarial e em 22,2% envolveram um projeto empresarial que tenha falhado.

Relativamente a irmãos dos inquiridos, 12,9% criaram um projeto empresarial, 82,4% desses negócios tiveram impacto na confiança na capacidade de criar e gerir, com sucesso, um novo projeto empresarial e 41,2% envolveram projetos empresariais que falharam.

Quanto aos avós, 23,5% criaram um projeto empresarial, 71,0% desses negócios tiveram impacto na confiança na capacidade de criar e gerir, com sucesso, um novo projeto empresarial e 9,7% correspondiam a projetos empresariais que falharam.

#### 4.2.5 Propensão para assumir riscos

Nesta secção é efetuada uma caracterização da escala de Propensão para assumir riscos. A aplicação AFE revela que os dados adequam-se à sua aplicação, uma vez que a estatística de KMO (KMO = 0,796) e o teste de Bartlett ( $X^2(6) = 210,17$ ;  $p < 0,001$ ) apresenta bons valores.

A Tabela 3 apresenta os fatores criados alusivos à escala de Propensão para assumir riscos, os *eigenvalues*, a variância explicada por cada fator e o Alpha de Cronbach. A estrutura fatorial deste conjunto de itens é composta por um único fator, que explica 68,3% da variância total das variáveis e com uma consistência interna elevada (Alfa de Cronbach = 0,842).

**Tabela 3 – Análise Fatorial para Propensão para assumir riscos.**

	Componente
	1
Quando escolho um emprego ou uma empresa para quem trabalhar, não estou disposto a correr riscos.	0,794
Prefiro um emprego de baixo risco / elevada segurança com um salário fixo, do que um emprego que tenha um elevado risco / elevada remuneração associada.	0,831
Prefiro manter-me num emprego em que lide com problemas que já conheça, do que assumir os riscos associados a um novo emprego com novos e desconhecidos problemas, mesmo que esse novo emprego ofereça grandes recompensas.	0,830
Vejo o risco no emprego como sendo uma situação a ser evitada, a todo o custo.	0,849
<i>Eigenvalues</i>	2,73
% de variância explicada	68,3
Alfa de Cronbach	0,842

Fonte: Elaboração própria

O score compósito da escala de Propensão para assumir riscos indica que quanto mais elevado é o mesmo, maior é propensão dos inquiridos para assumir riscos.

#### 4.3 Análise e Discussão dos Resultados

Tendo em vista a avaliação das hipóteses de estudo foram utilizadas regressões lineares múltiplas, sendo os resultados apresentados na Tabela 4.

Analisando os resultados constata-se que as variáveis Ensino do empreendedorismo, Autoeficácia, Antecedentes familiares e Propensão para assumir riscos, explicam 30,9% da variabilidade total da Intenção empreendedora, 19,1% da variabilidade total da Probabilidade empreendedora e 29,0% da variabilidade total da Propensão empreendedora. Uma vez que nos três modelos os F têm  $p < 0,05$ , os modelos predizem significativamente a Intenção, Probabilidade e Propensão empreendedoras.

**Tabela 4 – Modelos de Regressões Lineares Múltiplas.**

	Intenção empreendedora			Probabilidade empreendedora			Propensão empreendedora		
	$\beta$	t	p	$\beta$	t	p	$\beta$	t	p
Constante		6,77	0,000		5,28	0,000		6,12	0,000
Ensino do Empreendedorismo	0,19	2,37	0,019*	0,19	2,18	0,031*	0,14	1,66	0,099
Autoeficácia	0,21	2,68	0,008*	0,19	2,17	0,032*	0,14	1,74	0,084
Propensão para assumir riscos	0,34	4,04	0,000*	0,17	1,88	0,062	0,46	5,33	0,000*
Pais, irmãos ou avós criaram projeto empresarial no último ano	0,26	2,30	0,023*	0,23	1,88	0,062	0,17	1,50	0,137

Pais/tutores criaram um projeto empresarial	-0,02	-0,13	0,894	0,06	0,53	0,600	-0,07	-0,66	0,514
Irmãos criaram um projeto empresarial	-0,11	-1,38	0,169	-0,06	-0,61	0,541	-0,08	-0,91	0,364
Avós criaram um projeto empresarial	-0,13	-1,27	0,206	-0,15	-1,39	0,166	-0,13	-1,29	0,199
R <sup>2</sup>	0,309			0,191			0,290		
R <sup>2</sup> ajustado	0,270			0,145			0,250		
F	7,91*			4,18*			7,23*		

\*  $p < 0,05$ ;  $\beta$  - coeficientes de regressão estandardizados; t – Teste t-student; F – Estatística F  
 Fonte: Elaboração própria

Em termos de efeitos na Intenção empreendedora constata-se que o Ensino do Empreendedorismo ( $\beta = 0,19$ ;  $t = 2,37$ ;  $p = 0,019$ ), a Autoeficácia ( $\beta = 0,21$ ;  $t = 2,68$ ;  $p = 0,008$ ), o facto de os Pais, irmãos ou avós criaram projeto empresarial no último ano ( $\beta = 0,26$ ;  $t = 2,30$ ;  $p = 0,023$ ) e a Propensão para assumir riscos ( $\beta = 0,34$ ;  $t = 4,04$ ;  $p < 0,001$ ), predizem significativamente Intenção empreendedora.

Da análise do sinal dos coeficientes estandardizados conclui-se que o Ensino do Empreendedorismo aumenta significativamente a intenção empreendedora, assim como, quanto maior é a autoeficácia e a propensão para assumir riscos, mais elevada é a intenção empreendedora. No caso dos inquiridos em que os pais, irmãos ou avós criaram projeto empresarial no último ano (Antecedentes Familiares) há um incremento estatístico da intenção empreendedora.

Foi ainda possível concluir com base nos coeficientes estandardizados que a propensão para assumir riscos e os antecedentes familiares são, por esta ordem, as variáveis com maior peso na intenção empreendedora.

Quanto aos efeitos na Probabilidade empreendedora observa-se que o Ensino do Empreendedorismo ( $\beta = 0,19$ ;  $t = 2,18$ ;  $p = 0,031$ ) e a Autoeficácia ( $\beta = 0,19$ ;  $t = 2,17$ ;  $p = 0,032$ ) influenciam significativamente a Probabilidade empreendedora, em que o Ensino do Empreendedorismo aumenta significativamente a Probabilidade empreendedora e quanto maior é a Autoeficácia, mais elevada é a probabilidade empreendedora.

Relativamente aos fatores que predizem estatisticamente a Propensão empreendedora observa-se que somente a Propensão para assumir riscos ( $\beta = 0,46$ ;  $t = 5,33$ ;  $p < 0,001$ ) influencia significativamente esta, sendo que a propensão para assumir riscos incrementa significativamente a propensão empreendedora.

Finalizando este capítulo da análise de dados e discussão de dados, apresentam-se de seguida o teste das hipóteses inicialmente propostas.

***H1: O ensino do empreendedorismo influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro.***

Ao realizar as regressões lineares múltiplas, pode-se constatar que o ensino do empreendedorismo exerce influência positiva na intenção empreendedora, bem como na probabilidade empreendedora dos inquiridos, uma vez que o Ensino do Empreendedorismo aumenta significativamente a intenção empreendedora ( $\beta = 0,19$ ) e a probabilidade empreendedora ( $\beta = 0,19$ ).

Estes resultados permitiram comprovar a Hipótese 1 (O ensino do empreendedorismo influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro), tal como demonstrado pela maioria dos estudos apresentados na revisão da literatura,

referente ao ensino do empreendedorismo (Krueger et al., 2000; Lüthje e Franke, 2003; Honig, 2004; Carrier, 2005; Kuratko, 2005; Moreira e Silva, 2008; Naia, 2009; Liñan e Chen, 2009; Rodrigues, et al., 2010). No entanto, o estudo de Fayolle et al., (2006), contradiz esta hipótese, onde indicam que não existe um impacto significativo na intenção empreendedora dos estudantes após finalizarem o mesmo, em relação aos que frequentaram um curso onde é abordado o ensino do empreendedorismo.

***H2: A autoeficácia influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português na região centro.***

Os resultados anteriores permitiram constatar que a autoeficácia exerce um efeito positivo na intenção empreendedora, tal como na probabilidade empreendedora dos inquiridos, uma vez que quanto maior é a autoeficácia, mais elevada é intenção empreendedora ( $\beta = 0,21$ ) e a probabilidade empreendedora ( $\beta = 0,19$ ).

Estes resultados permitiram comprovar a Hipótese 2 (A autoeficácia influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português na região centro), obtendo os resultados que vão de encontro com algumas das investigações abordadas na revisão da literatura (Chen, Boyd e Vozikis, 1994; Greene e Crick, 1998; Noble, Jung, Ehrlich, 1999; Zhao, Seibert e Hills, 2005; Shook e Bratianu, 2008; Lee, et al., 2011; Setiawan, 2014).

***H3: Os antecedentes familiares influenciam positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro.***

Face aos resultados obtidos, constata-se que Antecedentes Familiares influenciam positivamente a intenção empreendedora, em que se os pais, irmãos ou avós criaram projeto empresarial no último ano existe um incremento significativo da intenção empreendedora ( $\beta = 0,26$ ).

Estes resultados permitiram comprovar a Hipótese 3 (Os antecedentes familiares influenciam positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro), obtendo resultados semelhantes com os estudos apresentados na revisão da literatura (Shapero e Sokol, 1982; Davidsson, 1995; Kolvereid, 1996; Chua, Chrisman e Sharma, 1999; Delmar e Davidsson, 2000; Bohnenberger, Schmidt e Freitas, 2007; Franco, Haase e Lautenschläger (2010); Rodrigues et al., 2010). Salientando alguns estudos contraditórios que afirmam que não existe uma influência significativa na intenção empreendedora, para indivíduos que apresentem um *background* familiar empresarial (Peng, Lu e Kang, 2012; Krueger et al., 2000).

***H4: A propensão para assumir riscos influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro.***

No que respeita à Hipótese 4, pode-se constatar que a propensão para assumir riscos influencia positivamente a intenção empreendedora, uma vez que quanto maior é a Propensão para assumir riscos, maior é intenção empreendedora ( $\beta = 0,34$ ) e a Propensão empreendedora ( $\beta = 0,46$ ).

Estes resultados permitiram comprovar a Hipótese 4 (A propensão para assumir riscos influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro), seguindo a linha dos estudos referenciados na revisão da literatura e que confirmam, também, este resultado (Sagie e Elizur, 1999; Stewart e Roth, 2001; Van Praag e Cramer, 2001; Fitzsimmons e Douglas, 2005; Gürol e Atsan, 2006; Teixeira, 2008; Gurel, Altinay e Daniele, 2010).

## 5. Conclusão

Este capítulo finaliza o presente estudo, e são apresentadas as principais conclusões da investigação, assim como as limitações encontradas e as futuras linhas de investigação.

Começou-se esta investigação como objectivo principal de identificar e analisar os fatores determinantes, (1) Ensino do Empreendedorismo, (2) Autoeficácia, (3) Antecedentes Familiares, (4) Propensão para assumir riscos, que influenciam as intenções empreendedoras dos estudantes do ensino superior universitário português da região centro. Através da revisão da literatura, decidiu-se estudar também, duas dimensões que derivam da Intenção empreendedora, a Probabilidade Empreendedora e a Propensão Empreendedora. Percebendo de que forma os fatores determinantes influenciariam estas duas dimensões da intenção empreendedora. Desta forma, foram escolhidas as variáveis a utilizar no presente estudo, apresentando como variáveis dependentes a Intenção, a Probabilidade e a Propensão Empreendedoras, e como variáveis independentes, o Ensino do Empreendedorismo, a Autoeficácia, os Antecedentes Familiares e a Propensão para assumir riscos. Que posteriormente levaram à formulação das hipóteses de investigação.

A eleição do tema deste trabalho deve-se não só à natureza do Mestrado em Empreendedorismo e Criação de Empresas, onde é abordado o tema do empreendedorismo no seu plano de estudos, como também da importância do mesmo na criação de emprego e desenvolvimento da região centro através da criação de novos projetos empresariais. Daí a escolha dos inquiridos, ser apenas de alunos que frequentaram o CEBT que, em Portugal, contou com a parceria das Universidades da região centro, a Universidade de Aveiro, a Universidade de Coimbra e a Universidade da Beira Interior.

Feita a revisão da literatura foi possível elaborar as hipóteses de investigação que, posteriormente, foram testadas na análise de dados. Foi possível determinar ao testar as hipóteses, que todas (H1, H2, H3 e H4) podem ser comprovadas, ou seja, o Ensino do Empreendedorismo, a Autoeficácia, os Antecedentes Familiares e a Propensão para Assumir riscos influenciam positivamente a intenção empreendedora. Para a variável Probabilidade Empreendedora, esta é influenciada positivamente, pelo Ensino do Empreendedorismo e pela Autoeficácia. Relativamente à Propensão Empreendedora, é influenciada positivamente apenas pela Propensão para Assumir riscos.

Para a análise das relações entre as variáveis foi realizado uma regressão linear múltipla, onde é possível identificar quais os fatores determinantes (variáveis independentes) que predizem as intenções/atitudes (variáveis dependentes) dos estudantes do ensino superior português.

Ao analisar a relação entre o ensino do empreendedorismo e a intenção empreendedora é possível constatar que, o ensino do empreendedorismo tem uma influência significativa na intenção empreendedora e na probabilidade empreendedora dos estudantes do ensino superior português. No entanto, esta é a variável com menor peso na concepção da intenção empreendedora. Esta conclusão é apoiada pela revisão da literatura elaborada nesta investigação, a qual salienta o importante papel das instituições de ensino na criação de hábitos empreendedores, através da partilha de experiências e novos conhecimentos. Desta forma procura-se desenvolver e estimular atitudes empreendedoras dos estudantes que frequentam este tipo de aprendizagem, dando-lhes novos horizontes no mercado de trabalho. Isto porque, os empreendedores são vistos como fortes impulsionadores económicos, através da criação das suas ideias e projetos, gerando desta forma emprego e investimento.

Ao analisar a relação entre a autoeficácia e a intenção empreendedora é possível constatar que, a autoeficácia exerce uma influência significativa na intenção empreendedora e na probabilidade empreendedora dos estudantes do ensino superior português, levando estes a criar novos projetos empresariais. Esta conclusão é suportada pela revisão da literatura efectuada, que determina a autoeficácia como uma das principais características de um empreendedor. Exerce um papel

importante no desempenho de novas tarefas que o indivíduo tem em executar com sucesso, criando desta forma uma motivação extra. A autoeficácia está diretamente relacionada com as intenções empreendedoras, pois determina a intenção e a probabilidade de criar um novo projeto empresarial. Desta forma observa-se, que quanto maior é a autoeficácia, mais elevada será a intenção empreendedora e a probabilidade empreendedora.

Ao analisar a relação entre os antecedentes familiares e a intenção empreendedora é possível constatar que, os antecedentes familiares exercem uma influência significativa na intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português. Esta conclusão é comprovada pela maioria dos estudos apresentados na revisão da literatura referente aos antecedentes familiares, que apresentam a importância da família na influência da intenção empreendedora de um indivíduo. Os antecedentes familiares têm um papel importante na definição das atitudes de um indivíduo, no caso de este pertencer a uma família com histórico empreendedor, existe um fator influenciador da intenção empreendedora. O núcleo familiar, principalmente os pais, representam um dos maiores fatores impulsionares na intenção de criar um novo projeto empresarial, criando inconscientemente um ambiente empreendedor no qual a família se sente envolvida, ou seja, os descendentes de uma família com um *background* empreendedor estão mais predispostos a criar um novo negócio.

Ao analisar a relação entre a propensão para assumir riscos e a intenção empreendedora é possível constatar que, a propensão para assumir riscos exerce uma influência significativa na intenção empreendedora e na propensão empreendedora dos estudantes do ensino superior português, sendo esta a variável de maior peso na geração da intenção empreendedora. Esta conclusão é sustentada pela maioria da revisão da literatura realizada. A propensão para assumir risco é característica que diferencia os empreendedores, pois estes estão mais predispostos a correr riscos do que aqueles que não o são. Assim, é possível considerar que a propensão para assumir riscos representa uma parte fundamental no papel do processo empreendedor. Pois os indivíduos com um elevado nível de propensão a assumir riscos, conseguem lidar de uma forma mais natural com os riscos que tomam, identificando por vezes oportunidades onde outros apenas viam barreiras. No entanto, o medo de falhar e conseqüentemente a assunção de riscos contínua presente na literatura como uma das barreiras ao empreendedorismo. Contudo, no presente estudo, constata-se que quanto mais elevada é a Propensão para assumir riscos, maior é intenção empreendedora e a Propensão empreendedora. Ou seja, o indivíduo que está disposto a assumir riscos, terá uma intenção e propensão maiores para criar o seu próprio negócio.

Através da revisão da literatura é possível concluir que estes fatores determinantes da intenção empreendedora são essenciais na sua determinação, tal como comprovado pelo estudo. Salientando os resultados obtidos, onde se apresentam bons índices de intenção empreendedora nos alunos do ensino superior português da região centro. No entanto, estes fatores devem ser explorados e impulsionados para que exista uma potencialização nas intenções de criar um novo projeto empresarial.

Como futuras linhas de investigação, seria interessante elaborar uma comparação dos resultados obtidos neste estudo, com uma outra investigação idêntica onde fossem avaliadas as mesmas variáveis, mas aplicado a outra região de Portugal de forma a obter uma caracterização das intenções empreendedoras dos estudantes do ensino superior português. Por outro lado, propunha também a utilização de outros fatores determinantes da intenção empreendedora, com o objectivo de perceber qual exerce, com maior peso, influência sobre a intenção empreendedora.

## Referências

- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior, *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, Vol. 50, n° 2, pp.179-211.
- Ajzen, I. (2012). *The theory of planned behavior*. In P. A. M. Van Lange, A. W. Kruglanski, & E. T. Higgins (Eds.), *The handbook of theories of social psychology* (pp. 438–459). London: SAGE Publications.
- Arrighetti, A., Caricati, L., Landini, F., & Monacelli, N. (2015). *ENTREPRENEURIAL INTENTION*.
- Bandura, A. (1977). Self-Efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, 84(2), 191-215.
- Bandura, A. (1982). Self-Efficacy mechanism in human agency. *American Psychologist*, 37 (2),122-147.
- Bandura, A. (1989). Human agency in social cognitive theory. *American Psychologist*, 44, 1 175-1 1 84.
- Bandura, A. (1991). Social cognitive theory of self-regulation. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50,248-287.
- Bandura, A. (1997). *Social Foundation of Thought and Action*. Prentice Hall, Englewood.
- Bandura, A. (2000). Cultivate self-efficacy for personal and organizational effectiveness. In E. A. Locke. *Handbook of principles of organization behavior*. UK Blackwell: Oxford: 120-136.
- Bird, B. (1988). Implementing Entrepreneurial Ideas: The Case for Intention. *Academy of Management Review*, Vol. 13, No. 3, 442-453.
- Bohnenberger, M. C., Schmidt, S., & FREITAS, E. D. (2007). A influência da família na formação empreendedora. XXVIX Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, Rio de Janeiro, Brasil, 22 a 26 de setembro de 2007.
- Boyd, N. G., & Vozikis, G. S. (1994). The influence of self-efficacy on the development of entrepreneurial intentions and actions. *Entrepreneurship theory and practice*, 18, 63-63.
- Brandstätter, H. (2010). Personality aspects of entrepreneurship. A look at five meta-analysis. *Personality and Individual Differences*, 51(3), 222-230.
- Brockhaus, R. H. (1980). Risk taking propensity of entrepreneurs. *Academy of management Journal*, 23(3), 509-520.
- Carvalho, P. M. R. D., & González, L. (2006). Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 12(1), 43-65.
- Chen, C. C., Greene, P. G., & Crick, A. (1998). Does entrepreneurial self-efficacy distinguish entrepreneurs from managers?. *Journal of business venturing*, 13(4), 295-316.
- Cheung, C., (2008). Entrepreneurship education in Hong Kong's secondary curriculum - Possibilities and limitations. *Education and Training*. Vol. 50, N. 6, pp. 500-515.
- Chua, J. H., Chrisman, J. J., & Sharma, P. (1999). Defining the family business by behavior. *Entrepreneurship: theory and practice*, 23(4), 19-19.
- Cromie, S. (2000). Assessing entrepreneurial inclinations: Some approaches and empirical evidence. *European journal of work and organizational psychology*, 9(1), 7-30.
- Cunningham, J. B., & Lischeron, J. (1991). Defining entrepreneurship. *Journal of small business management*, 29(1), 45.
- Davidsson, P. (1995). Determinants of entrepreneurial intentions. Comunicação apresentada na conferência Rent IX, Piacenza, Itália, 23-24 de Novembro.
- De Noble, A., Jung, D., & Ehrlich, S. (1999). Initiating new ventures: The role of entrepreneurial self-efficacy. In Babson Research Conference, Babson College, Boston, MA.
- Díaz, J. C, Hernández, R. e Barata, M. L. (2004). *Estudiantes universitarios y creación de empresas. Un análisis comparativo entre España y Portugal*. Conocimiento, innovación y emprendedores. Camino al futuro, pp. 1-18.
- Elaine, R. C., Gray, D. O., (2013). Does Entrepreneurship Education Really Work? A Review and Methodological Critique of the Empirical Literature on the Effects of University-Based Entrepreneurship Education. *Journal of Small Business Management*, 51(3), pp. 329-51.

- Fayolle, A. e Gailly, B. 2004. Using the theory of planned behaviour to assess entrepreneurship teaching programs: a first experimentation. IntEnt2004 Conference, Nápoles.
- Fayolle, A., Gailly, B., Lassas-Clerc, N. (2006). Assessing the impact of entrepreneurship education programmes: a new methodology. *J. Eur. Ind. Train.*, 30(9).
- Fishbein, M., Ajzen, I. (1975). *Belief, attitude, intention and behavior: An Introduction to Theory and Research*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Fitzsimmons, J. R., & Douglas, E. J. (2005). Entrepreneurial Attitudes and Entrepreneurial Intentions: A Cross-Cultural Study of Potential Entrepreneurs in India, China, Thailand and Australia.
- Franco, M., Haase, H., e Lautenschläger, A.,(2010). Students' entrepreneurial intentions: an inter-regional comparison. *Education + Training*, 52 (4), 260–275. doi:10.1108/00400911011050945
- Gibb, A. (2002). In pursuit of a new 'enterprise' and 'entrepreneurship' paradigm for learning: creative destruction, new values, new ways of doing things and new combinations of knowledge. *International Journal of Management Reviews*, 4(3), 233–269.
- Gürol, Y., & Atsan, N. (2006). Entrepreneurial characteristics amongst university students: Some insights for entrepreneurship education and training in Turkey. *Education+ Training*, 48(1), 25-38.
- Gurel, E., Altinay, L., & Daniele, R. (2010). Tourism students' entrepreneurial intentions. *Annals of Tourism Research*, 37(3), 646-669.
- Haase, A., Lautenschlager, A., (2011). The Teachability Dilemma of Entrepreneurship. *International Entrepreneurship Management Journal*, Cilt 7, pp. 145-162.
- Hair, J. F., Black, W. C., BABIN, B. Y. A., Anderson, R., & Tatham, R. (2010). RE [2010]: Multivariate Data Analysis. A Global Perspective. Ed: Pearson Prentice Hall.
- Henry, C., Hill, F., Leitch, C. (2005), Entrepreneurship education and training: can entrepreneurship be taught? Part I. *Education + Training*. Emerald Group Publishing Limited, Vol. 47 No. 2, pp. 98-111.
- Honig, B. (2004). Entrepreneurship education: Toward a model of contingency-based business planning. *Academy of Management Learning and Education*, 3(3), 258–273.
- Katz, J.A., Gartner, W.B. (1988). Properties of emerging organizations. *Academy of Management Review*, Vol. 13, No. 3, 442-453.
- Kolvereid, L. (1996). Prediction of employment status choice intentions. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 21(1), 47-58.
- Krueger, N.F., Reilly, M.D., & Carsrud, A.L., (2000). Competing models of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing* 15, 411–432.
- Kuratko, D.F. (2005). The emergence of entrepreneurship education: Development, trends, and challenges. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29(5), 577–597.
- Kyro, P., Carrier, C. (2005). *Entrepreneurial learning in universities: Bridges across borders*. In P. Kyrö & C. Carrier (Eds.), *The dynamics of learning entrepreneurship in a cross-cultural university context* (pp. 14–43).
- Lee, L., Wong, P.K., Der Foo, M., Leung, A. (2011). Entrepreneurial intentions: The influence of organizational and individual factors. *Journal of business venturing*. 26(1): 124-136.
- Liñán, F. (2004). Intention-based models of entrepreneurship education. *Piccola Impresa/Small Business*, 2004(3), 11–35.
- Liñán, F., Chen, Y. W. (2009). Development and Cross Cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(3), 593-617.
- Liñan, F., Fayolle, A. (2015). A systematic literature review on entrepreneurial intentions: citation, thematic analyses, and research agenda. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 11(4), 907-933.
- Liñan, F., Moriano, J., Jaén, I. (2016), "Individualism and entrepreneurship: Does the pattern depend on the social context?", *International Small Business Journal*, pp. 1-17.

- Lüthje, C., Franke, N. (2003). The ‘making’ of an entrepreneur: testing a model of entrepreneurial intent among engineering students at MIT. *R&D Management* 33 (2), 135–147.
- Marconi, M. & Lakatos, E. (2000) Metodologia Científica 3.º Edição, São Paulo, Atlas.
- Marôco, J. (2010). Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações. ReportNumber, Lda.
- Matthews, C. H., & Moser, S. B. (1996). A longitudinal investigation of the impact of family background and gender on interest in small firm ownership. *Journal of small business management*, 34(2), 29
- McClelland, D., (1961). *The achieving society*. Princeton. NJ: Van Nostrand.
- McGee, J. E.; Peterson, M.; Mueller, S. L. e Sequeira, J.,(2009). Entrepreneurial self-efficacy: Refining the measure. *Entrepreneurship: Theory and Practice*. Vol. 33. N. 4, pp.965-988.
- Moreira, J. e Silva, M. J. (2008). Empreendedorismo Tecnológico: Métodos e Técnicas de Ensino”, *Actas das XVII International Conference AEDEM, Universidad, Sociedad y Mercados Globales*”, organizadas pela Universidad Federal de Bahía, Brasil. p. 627-637, ISBN -13: 978-84-691-5567-4.
- Moreira, R. (2011). Empreendedorismo na Universidade do Minho - O caso dos diplomados das ciências sociais. Centro de Investigação em Ciências Sociais - Working paper 4 , pp. 1-17.
- Naia, A. (2009). Importância da formação inicial no empreendedorismo: estudo do percurso empreendedor de licenciados da FMH. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Peng, Z., Lu, G., & Kang, H. (2012). Entrepreneurial intentions and its influencing factors: A survey of the university students in xi'an China. *Creative education*, 3, 95.
- Perugini, M., Bagozzi, R.P. (2001). The role of desires and anticipated emotions in goal-directed behaviours: Broadening and deepening the theory of planned behaviour. *British Journal of Social Psychology*, 40(1), 79–98.
- Pinho, L. F.; Gaspar, F. C. (2012). Intenção empreendedora dos estudantes no ensino superior politécnico em Portugal. *Jornadas Luso-Espanholas de Gestão Científica*, 22, Vila Real.
- Redford, D. (2006). Entrepreneurship education in Portugal: 2004/2005 national survey. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 12(1), 19-41.
- Rodrigues, R. G., Raposo, M., Ferreira, J. M., Paço, A. M. F. (2010). Entrepreneurship education and the propensity for business creation: testing a structural model. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, 9(1), 58–73.
- Sagie, A., Elizur, D. (1999). Achievement motive and entrepreneurial orientation: a structural analysis, *Journal of Organizational Behavior*, Vol. 20, pp.375–387.
- Santos, F., Liñán, F. (2007). Measuring entrepreneurial quality in southern Europe, *International Entrepreneurship and Management Journal*, Vol. 3, n° 1, pp. 87-107.
- Santos, S. C., Caetano, A., & Curral, L. (2010). Atitude dos estudantes universitários face ao empreendedorismo: Como identificar o potencial empreendedor?. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 9, 2-14.
- Schumpeter, J. A. (1984). *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro : Zahar.
- Setiawan, J.L., (2014). Examining Entrepreneurial Self-efficacy among Students, *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, V. 115, 235-242, ISSN 1877-0428.
- Shapiro, A., Sokol, L. (1982). *The Social Dimensions of Entrepreneurship*. In: *Encyclopedia of Entrepreneurship*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall Inc. 1982, p. 72-90.
- Shinnar, R.; Pruett, M. e Toney, B. (2009), «Entrepreneurship education: attitudes across campus». *Journal of Education for Business*, vol. 84(3), pp. 151-159.
- Shook, C. L., & Bratianu, C. (2010). Entrepreneurial intent in a transitional economy: an application of the theory of planned behavior to Romanian students. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 6(3), 231-247.
- Stewart, W. H., Carland, J. C., & Carland, J. W. (1996). Empirically defining the entrepreneur. *Journal of Business and Entrepreneurship*, 8(1), 1-18.
- Stewart, W., Roth, P. (2001). Risk taking propensity differences between entrepreneurs and managers, *Journal of Applied Psychology*, Vol. 86, No. 1, pp.145–153.

- Tavares, C., Moura, G., Alves, J. (2013). "Educação empreendedora e a geração de novos negócios", em Observatorio de la Economía Latinoamericana, Nº.188.
- Teixeira, A., A., C. (2008), in IFIP International Federation for Information Processing, Volume 266, Innovation in Manufacturing Networks; ed. A. Azevedo; (Boston: Springer), pp. 325–336.
- Van Praag, C., Cramer, J. (2001). The roots of entrepreneurship and labor demand: individual ability and low risk aversion, *Economica*, Vol. 68, No. 269, pp.45–62. Vol. 8, No. 3, p.31.
- Lumpkin, G. T., & Dess, G. G. (1996). Clarifying the entrepreneurial orientation construct and linking it to performance. *Academy of management Review*,21(1), 135-172.
- Vanevenhoven, J., & Liguori, E. (2013). The impact of entrepreneurship education: Introducing the entrepreneurship education project. *Journal of small business management*, 51(3), 315-328.
- Zhao, H., Seibert, S. E., & Hills, G. E. (2005). The mediating role of self-efficacy in the development of entrepreneurial intentions. *Journal of applied psychology*, 90(6), 1265.